

CAPÍTULO 6

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: REFLEXÕES SOBRE O MUNDO CONTEMPORÂNEO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.729112526036>

Data de aceite: 16/06/2025

Robério da Silva de Andrade

Mestre em Ensino de História pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Possui especialização em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).
<https://lattes.cnpq.br/2592581123453695>
<https://orcid.org/009-0003-3106-8171>

RESUMO: Frente aos desafios sociais contemporâneos, a comunicação se transformou em um campo de disputa de narrativas, demandando reflexão sobre a interpretação e a escolha das palavras. Neste contexto, pensadores como Leonardo Boff e Voltaire apontam a importância do lugar de fala e do impacto das palavras, especialmente diante da desinformação propagada nas redes sociais. Objetivo: Analisar a influência da comunicação e das narrativas em contextos polarizados, destacando o papel das palavras na construção do discurso e na formação da opinião pública, bem como os desafios impostos pela disseminação de fake news e discursos de ódio. Metodologia: O estudo empregou análise bibliográfica (com base

em Leonardo Boff, Voltaire, Aristóteles e Marco Aurélio) e a análise de um caso recente de fake news divulgado pelo G1. Consideraram-se, ainda, aspectos históricos e filosóficos da comunicação e o impacto das redes sociais na formação do discurso contemporâneo. Resultados: A análise demonstrou que a comunicação polarizada e a desinformação impactam diretamente a percepção da realidade e as relações interpessoais. Evidenciou-se, ademais, a centralidade da educação e do pensamento crítico no combate a discursos intolerantes e na promoção de um diálogo respeitoso. Conclusão: A responsabilidade no uso das palavras e a reflexão sobre o impacto das narrativas são essenciais para evitar conflitos e fortalecer a convivência pacífica. A educação, ao estimular a análise crítica e a empatia, surge como uma ferramenta essencial para a construção de um debate público mais saudável e fundamentado na ética e no respeito mútuo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Fake News; Polarização

HUMANITIES IN DIALOGUE: REFLECTIONS ON THE CONTEMPORARY WORLD

ABSTRACT: Facing contemporary social challenges, communication has transformed into a field of narrative disputes, demanding reflection on the interpretation and choice of words. In this context, thinkers such as Leonardo Boff and Voltaire highlight the importance of “lugar de fala” (place of speech/social positioning) and the impact of words, especially concerning the misinformation propagated on social media. Objective: To analyze the influence of communication and narratives in polarized contexts, emphasizing the role of words in discourse construction and public opinion formation, as well as the challenges posed by the dissemination of fake news and hate speech. Methodology: The study employed a bibliographic analysis (based on Leonardo Boff, Voltaire, Aristotle, and Marcus Aurelius) and an analysis of a recent fake news case reported by G1. Historical and philosophical aspects of communication, alongside the impact of social media on contemporary discourse formation, were also considered. Results: The analysis demonstrated that polarized communication and misinformation directly impact the perception of reality and interpersonal relationships. Furthermore, the centrality of education and critical thinking in combating intolerant discourse and promoting respectful dialogue was evidenced. Conclusion: Responsibility in the use of words and reflection on the impact of narratives are essential for avoiding conflicts and strengthening peaceful coexistence. Education, by stimulating critical analysis and empathy, emerges as a vital tool for building a healthier public debate founded on ethics and mutual respect.

KEYWORDS: Communication; Education; Fake News; Polarization.

INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais polarizado, a maneira como nos expressamos exerce um impacto profundo nas relações sociais, culturais e políticas. O ato de comunicar, que antes parecia ser uma simples troca de ideias e informações, tornou-se um campo de disputas intensas por narrativas, valores e representações. Nesse contexto, as palavras, que carregam em si poder e significado, podem tanto construir pontes de entendimento quanto levantar muros de incompreensão e exclusão. Nesse cenário, a reflexão sobre a leitura, a interpretação e a escolha cuidadosa das palavras se torna não apenas relevante, mas essencial para o fortalecimento da convivência e da democracia.

Leonardo Boff, pensador e teólogo, nos convida a refletir profundamente sobre a forma como nos posicionamos em relação ao outro e ao mundo ao nosso redor. Ele destaca que a leitura e a interpretação não são processos automáticos ou superficiais, mas exigem um olhar atento ao nosso lugar de fala e ao contexto em que nos encontramos. A leitura, segundo Boff, não é um ato isolado, mas um processo que envolve uma constante negociação entre o que lemos e o que já sabemos, entre a realidade que nos cerca e as construções ideológicas que fazemos a partir dela. Essa reflexão nos leva a considerar o potencial das palavras como ferramentas de diálogo, acolhimento e entendimento mútuo, ou, ao contrário, como instrumentos de construção de barreiras e distâncias entre as pessoas.

O presente texto busca analisar a complexa relação entre discurso e prática na sociedade contemporânea, explorando a importância da reflexão crítica, do diálogo e do respeito mútuo na construção de uma cultura de paz. Para tanto, utilizaremos como ponto de partida as reflexões de Leonardo Boff sobre a leitura e o “lugar social” do outro, que nos desafiam a considerar o contexto e a posição de quem fala e de quem escuta. Além disso, a crítica de Voltaire à intolerância, que ressoa fortemente em tempos de crescente radicalização, servirá como base para a análise da tensão entre liberdade de expressão e respeito às diferenças.

Em seguida, abordaremos o impacto das redes sociais na disseminação de fake news e discursos de ódio, ilustrando com casos recentes de distorção da realidade, a exemplo da polêmica envolvendo a atriz Fernanda Torres e sua indicação ao prêmio Globo de Ouro. Tais incidentes exemplificam como a manipulação da informação pode prejudicar a reputação individual, enfraquecer a confiança pública e fomentar divisões sociais. O crescente poder das plataformas digitais nos leva a refletir sobre a responsabilidade que cada um de nós carrega ao produzir e consumir conteúdo na era da informação.

Além disso, discutiremos a contradição entre o que pregamos e o que efetivamente vivemos, utilizando a figura de Marco Aurélio, o imperador-filósofo, como exemplo. A sua vida e escritos refletem a busca pela coerência entre a filosofia estóica e a prática cotidiana, um exercício difícil, mas fundamental para a construção de uma vida ética e autêntica. A partir disso, enfatizaremos o papel da educação na promoção da coerência entre discurso e prática, destacando a importância do pensamento crítico, da empatia e do respeito ao próximo. Para embasar essa discussão, recorreremos aos estudos de Jacques Delors e Edgar Morin, que defendem a educação como um instrumento de transformação social, capaz de formar cidadãos mais conscientes e comprometidos com a justiça e a paz.

Acreditamos que a reflexão proposta neste texto, ao examinar as complexidades da comunicação no mundo contemporâneo, possa contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, ética e consciente. Uma sociedade na qual o diálogo, a tolerância e o respeito mútuo sejam valores centrais, promovendo a harmonia social e a paz. O que está em jogo é a nossa capacidade de aprender a viver juntos, respeitando as diferenças e reconhecendo a dignidade do outro, para que possamos, juntos, superar as divisões e construir um futuro mais solidário e inclusivo.

METODOLOGIA

Este estudo empregou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de analisar a complexa relação entre discurso e prática na sociedade contemporânea. A natureza qualitativa da pesquisa permitiu a compreensão aprofundada dos significados e das percepções envolvidas nas práticas discursivas, considerando seu contexto social. O caráter exploratório possibilitou investigar as dinâmicas comunicativas em profundidade, enquanto a abordagem descritiva permitiu detalhar os fenômenos observados.

O lócus da pesquisa foi o ambiente educacional do Colégio Municipal de Adustina (CMA), em Adustina/BA. Os participantes incluíram estudantes do segmento II (6º ao 9º ano) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de educadores. Por meio de interações informais, eles compartilharam suas percepções sobre o impacto das palavras nas interações cotidianas, tanto no ambiente escolar quanto nas redes sociais.

A coleta de dados empregou uma combinação de instrumentos e técnicas. Realizou-se uma revisão bibliográfica das obras de Leonardo Boff, Voltaire, Jacques Delors e Edgar Morin, que fundamentaram teoricamente a discussão. Complementarmente, foi conduzida uma análise documental de reportagens sobre a disseminação de fake news e discursos de ódio, incluindo o caso envolvendo a atriz Fernanda Torres e sua indicação ao prêmio Globo de Ouro. Além disso, foram realizadas conversas informais com estudantes para compreender suas percepções sobre a relação entre discurso e prática em suas vivências. As informações coletadas foram sistematicamente organizadas por meio da catalogação de fichas de leitura, contendo anotações e reflexões dos textos analisados.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Essa abordagem permitiu a categorização das informações, facilitando a identificação de padrões, convergências e contradições entre o discurso e a prática observados. O contexto social da pesquisa, caracterizado pela polarização das discussões em redes sociais e pelo aumento das tensões nas interações, foi um elemento constante na análise.

Em suma, a metodologia empregada visou assegurar uma análise crítica e reflexiva, fundamentada em múltiplas fontes de informação e no diálogo com os sujeitos envolvidos, permitindo compreender como as palavras podem ser utilizadas tanto para promover o entendimento quanto para reforçar divisões sociais.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: REFLEXÕES SOBRE O MUNDO CONTEMPORÂNEO

Leonardo Boff (2017) oferece uma afirmação penetrante sobre a leitura e a interpretação: “Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpretar a partir de onde os pés pisam” (BOFF, 2017, p. 19). Nos dias atuais, em um mundo socioeconomicamente e politicamente polarizado, a compreensão do “lugar onde pisamos” é de extrema relevância. A forma como nos expressamos e a quem nos dirigimos podem ser interpretadas de maneiras distintas. Enquanto palavras aceitas e respeitadas promovem um diálogo educado e agradável, a divergência de ideias ou valores pode gerar desconforto, conflito ou até violência verbal.

Torna-se crucial, portanto, refletir antes de falar – ou mesmo optar pelo silêncio – até que se compreenda o contexto. Conforme Boff (2017) reitera, “A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam; para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha” (p. 19). Independentemente do lugar, a capacidade de imaginar a perspectiva do outro

exige uma análise prévia. Conhecer o terreno é o primeiro passo para evitar armadilhas, pois a recepção de nossa mensagem nunca é totalmente previsível.

Expor opiniões e pontos de vista a indivíduos ou grupos não exige apenas a consciência do próprio lugar, mas também a compreensão do “solo” em que se está. Em tempos de polarização, é fundamental manter o controle sobre as palavras e, sobretudo, sobre as emoções. Um diálogo interno precede e qualifica a interação com o outro.

Dessa forma, a compreensão do próprio lugar e do lugar social do interlocutor é essencial para a construção de um diálogo respeitoso e enriquecedor. Em um cenário global onde as divergências frequentemente geram conflito, a reflexão sobre o impacto das palavras e escolhas é imprescindível. Ao entender onde pisamos e como nossa mensagem pode ser recebida, abrimos caminho para uma comunicação mais eficaz e menos vulnerável aos perigos da polarização. Afinal, somente ao apreender o contexto em que nos inserimos é que poderemos construir pontes, e não muros, com as palavras que escolhemos para nos expressar.

As redes sociais, atualmente, configuram-se como um campo fértil para a proliferação de informações, muitas delas falsas (*fake news*), que são, lamentavelmente, abraçadas por determinados grupos, fortalecendo discursos de ódio e intolerância. O mais preocupante é que tais discursos, desonrosos e degradantes, são frequentemente defendidos por uma minoria ruidosa sob a alegação de um suposto “direito”. Voltaire (2006), em *O Tratado da Tolerância*, já alertava para os perigos dessa mentalidade: “O direito à intolerância é, portanto, absurdo e bárbaro; é o direito dos tigres, e realmente horrível, porque os tigres não dilaceram senão para comer, enquanto nós nos dilaceramos por causa de alguns parágrafos” (VOLTAIRE, 2006, p. 33). Esse cenário sugere um retrocesso civilizatório, colocando em risco os avanços conquistados em prol do respeito e da convivência pacífica.

Ainda sobre o impacto das redes sociais e seu vasto alcance, observa-se que muitos indivíduos buscam nesses espaços a autoafirmação — seja por meio da arte, da ciência ou de outras formas de expressão. O anseio por visibilidade, reconhecimento e validação é evidente. Aristóteles (2021), em sua célebre obra *Ética a Nicômaco*, já apontava: “Toda arte, toda ciência, assim como toda ação e cada escolha, parecem ter por objetivo algum bem. Por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo que todos procuram” (ARISTÓTELES, 2021, p. 9). No entanto, em meio a um volume massivo de informações, muitas vezes desprovidas de conhecimento e veracidade, surge a indagação: que bem realmente buscamos? Estaríamos, de fato, perseguindo o bem coletivo, ou apenas um bem individual e efêmero? Em um cenário saturado de desinformação e autoafirmação desenfreada, torna-se essencial refletir sobre o verdadeiro propósito de nossas ações e discursos.

Diante desse panorama, a responsabilidade sobre o que compartilhamos e consumimos nas redes sociais transcende o simples ato de postar ou curtir. A busca pelo bem, conforme propõe Aristóteles, deveria estar ancorada não no benefício próprio, mas

no impacto positivo que nossas ações podem ter sobre a coletividade. Contudo, quando o desejo de visibilidade se sobrepõe à ética e à veracidade, corre-se o risco de contribuir para a disseminação de discursos nocivos e desinformação. Assim, o espaço que poderia ser utilizado para o diálogo construtivo e o compartilhamento de saberes transforma-se em um terreno fértil para a intolerância e a fragmentação social. Em tempos de polarização e conflitos virtuais, o desafio não está apenas em saber “onde pisamos”, como destacou Boff, mas também em decidir como e para que pisamos nesses espaços digitais. Afinal, nossas palavras, escolhas e silêncios moldam não só nossa identidade, mas também o tipo de sociedade que estamos ajudando a construir.

Um exemplo notório dos perigos da desinformação e do uso irresponsável das redes sociais é o episódio recente envolvendo a falsa alegação de que o governo brasileiro teria comprado o prêmio Globo de Ouro para a atriz Fernanda Torres. Uma matéria publicada pelo G1, assinada por Roney Domingos, desmentiu a informação de que recursos públicos teriam sido utilizados para garantir a premiação de melhor atriz em filme de drama pelo papel em *Ainda Estou Aqui*. A organização do Globo de Ouro classificou a acusação como “claramente falsa”, reforçando a ausência de evidências que a sustentasse. Esse caso exemplifica como a disseminação rápida e descontrolada de *fake news* revela que a polarização e a falta de reflexão crítica podem transformar espaços de diálogo em arenas de conflito. Informações falsas, quando aceitas sem questionamento, alimentam discursos de ódio, desconfiança e teorias conspiratórias, minando a credibilidade das instituições e corroendo o tecido social. Esse episódio reforça a importância de saber “onde pisamos”, como pontua Boff, ao compartilhar e consumir informações. Em um ambiente digital saturado de inverdades, é fundamental cultivar a responsabilidade ética no uso da palavra e no engajamento com o outro, visando construir pontes de compreensão em vez de muros de desinformação.

O contraste entre o que se prega e o que se vive é uma realidade antiga, ilustrada pela trajetória de Marco Aurélio, imperador romano do século II d.C. Apesar de ter sido um dos líderes que mais guerrearam e expandiram as fronteiras do Império Romano, ele também foi um dos que mais escreveram sobre a paz, evidenciando uma dicotomia entre sua prática e seus ensinamentos filosóficos. Em *Meditações*, Marco Aurélio reflete sobre valores que ultrapassam sua vivência militar, como a moderação, a resiliência e o respeito ao próximo. No Primeiro Livro, ele escreve:

Meu professor ensinou-me a não escolher o verde ou azul nas corridas de carruagens ou nas competições de gladiadores e a apoiar as armas leves ou pesadas. Ensinou-me também a suportar o trabalho árduo, a não precisar de muitas coisas, a atender as minhas necessidades sem incomodar os outros, a não interferir nos negócios de terceiros e não dar ouvidos a calúnias contra eles (MARCO AURÉLIO, 2022, p. 7).

Suas palavras ressaltam a importância de uma vida pautada pelo equilíbrio e pela ética, mesmo em meio às contradições do poder e da guerra, mostrando que a reflexão interna é fundamental para lidar com os desafios externos.

Assim como Marco Aurélio viveu o paradoxo entre guerra e paz, a sociedade atual enfrenta a contradição entre o discurso de tolerância e a prática da intolerância, especialmente nas redes sociais. Embora se pregue o respeito e a convivência pacífica, muitas vezes os indivíduos se deixam levar por impulsos de julgamento e polarização, alimentando conflitos que poderiam ser evitados com um diálogo mais consciente e empático. O ensinamento do imperador estoico sobre não interferir nos negócios alheios e evitar calúnias torna-se especialmente relevante no ambiente digital, onde a propagação de *fake news* e discursos de ódio ocorre de forma desenfreada. Refletir sobre nossas ações e palavras, como propõem tanto Marco Aurélio quanto Boff, é um exercício necessário para transformar a comunicação em uma ferramenta de construção social, e não de destruição. O desafio, portanto, é alinhar discursos com práticas, promovendo a paz mais do que um ideal filosófico, mas como uma realidade cotidiana.

Nesse cenário controverso entre discurso e prática, a educação surge como um instrumento fundamental para promover a coerência entre o que se diz e o que se faz. Mais do que transmitir conteúdos, a educação tem o papel de formar cidadãos críticos, capazes de refletir sobre suas próprias atitudes e o impacto delas na sociedade. Ao incentivar o pensamento crítico e a empatia, a escola pode ajudar os indivíduos a reconhecerem suas próprias contradições, como as vividas por Marco Aurélio, e a buscar uma postura mais alinhada com os valores que defendem. Além disso, a educação pode atuar como uma barreira contra a desinformação e a intolerância, ensinando os alunos a identificar fontes confiáveis, questionar narrativas polarizadas e respeitar diferentes pontos de vista. Nesse sentido, ela, além de contribuir para o desenvolvimento intelectual, também colabora para a construção de uma sociedade mais ética e consciente, onde o uso responsável da palavra, como destaca Boff, e o respeito ao próximo, conforme propunha Voltaire, se tornam práticas cotidianas. Portanto, é através da educação que se pode transformar o espaço público, seja presencial ou digital, em um ambiente de diálogo construtivo, capaz de superar as barreiras impostas pela polarização e pela intolerância.

Nesse sentido, Jacques Delors (1998) reforça que:

A educação para a tolerância e para o respeito do outro, condição necessária à democracia, deve ser considerada como uma tarefa geral e permanente. É que os valores e, em particular, a tolerância não podem ser objeto de ensino, no estrito sentido do termo: querer impor valores previamente definidos, pouco interiorizados, leva no fim de contas à sua negação, porque só têm sentido se forem livremente escolhidos pela pessoa. A escola pode, quando muito, criar condições para a prática quotidiana da tolerância, ajudando os alunos a levar em consideração os pontos de vista dos outros e estimulando, por exemplo, a discussão de dilemas morais ou de casos que impliquem opções éticas (DELORS, 1998, p. 58-59).

Essa perspectiva destaca que a formação de cidadãos éticos e críticos não se resume ao conteúdo programático, mas exige um ambiente de diálogo, respeito e compreensão mútua. Ainda segundo Delors (1998):

A educação não pode se limitar a reunir pessoas em torno de valores comuns forjados no passado. Ela deve, também, responder à questão: viver juntos, com que finalidades e para fazer o quê? Somente ao longo de toda a vida, por meio de um processo contínuo de aprendizado, é possível desenvolver a capacidade de participação ativa em um projeto de sociedade mais justo e inclusivo (DELORS, 1998, p. 60).

Sob esse prisma, Edgar Morin (2000) complementa essa visão ao destacar que a educação deve ir além da transmissão de informações, incorporando uma reflexão crítica sobre o próprio ato de conhecer. Para ele: “O conhecimento do conhecimento, que comporta a integração do convededor em seu conhecimento, deve ser, para a educação, um princípio e uma necessidade permanente” (MORIN, 2000, p. 31). Isso implica que a formação educacional precisa estimular nos aprendizes a consciência sobre os processos cognitivos, favorecendo a autonomia intelectual e o desenvolvimento de uma postura crítica e responsável diante das complexidades sociais e culturais.

Essa abordagem ressalta que a educação não deve se limitar à memorização de conteúdos, mas sim promover a compreensão integrada do saber, levando em conta as conexões entre os diferentes campos do conhecimento e a realidade vivida pelos indivíduos. Morin (2000) enfatiza que a fragmentação do ensino impede a construção de um pensamento crítico e reflexivo, essencial para enfrentar os desafios contemporâneos. Ao integrar o sujeito no processo de aprendizado, a educação se torna um instrumento para a emancipação, permitindo que cada pessoa compreenda seu papel na sociedade e contribua para a construção de um mundo mais justo, solidário e sustentável.

Diante desse panorama, fica evidente que a educação, quando pautada na reflexão crítica, no diálogo e no respeito mútuo, transcende a simples transmissão de conhecimentos, tornando-se um poderoso instrumento de transformação social. Ao alinhar discurso e prática, como propõem Delors (1998) e Morin (2000), ela capacita os indivíduos a enfrentarem os desafios do mundo contemporâneo com autonomia intelectual, consciência ética e responsabilidade social. Dessa forma, a escola não se limita a preparar para o mercado de trabalho, mas também para a vida em sociedade, contribuindo para a construção de um ambiente mais justo, inclusivo e solidário, no qual valores como tolerância, empatia e pensamento crítico deixem de ser meros ideais e se tornem, de fato, práticas cotidianas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Complexidade da Relação Discurso-Prática

Os resultados da pesquisa, obtidos a partir das leituras, conversas com estudantes e análise de reportagens, revelaram a intrínseca complexidade da relação entre discurso e prática na sociedade contemporânea. As reflexões de Leonardo Boff sobre o “lugar social” do outro e as críticas de Voltaire à intolerância foram confirmadas pelas observações, evidenciando que as palavras transcendem a neutralidade, carregando significados capazes tanto de aproximar quanto de afastar indivíduos e grupos. Esse achado inicial sublinha a premente necessidade de uma consciência sociolinguística na era digital.

O Impacto da Comunicação Digital e da Desinformação

Durante as conversas com os alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), observou-se uma percepção generalizada do impacto das palavras em seu cotidiano escolar e social. Os relatos foram consistentes ao indicar que o ambiente digital, notadamente as redes sociais, atua como um catalisador para a disseminação de discursos polarizados, frequentemente permeados por intolerância e desinformação. O caso envolvendo a atriz Fernanda Torres e o prêmio Globo de Ouro, analisado no estudo, serve como um exemplo notório de como a propagação de *fake news* pode distorcer a realidade, culminando em ataques injustificados. Essa constatação ressalta a fragilidade das interações mediadas pela internet e a urgência de ferramentas para decodificar e resistir a narrativas falaciosas.

O Papel da Educação no Desenvolvimento do Pensamento Crítico

Em contraste, os resultados também apontaram que a prática educativa orientada para o desenvolvimento do pensamento crítico, conforme preconizado por Jacques Delors e Edgar Morin, contribui significativamente para a formação de cidadãos mais conscientes e resilientes diante das narrativas polarizadas. Alunos que participaram de atividades reflexivas demonstraram uma notável evolução, relatando maior capacidade de analisar informações, questionar discursos extremistas e promover diálogos mais respeitosos. Esses achados sugerem que a educação, ao ir além da mera transmissão de conteúdo, cultiva uma competência crítica essencial para a navegação no complexo cenário informacional contemporâneo, corroborando a literatura que aponta a formação crítica como fundamental para a resiliência cognitiva.

Coerência entre Discurso e Prática: Desafios e Superações

Outro aspecto crucial identificado foi a contradição persistente entre discurso e prática no ambiente social e educacional. A figura de Marco Aurélio, apesar de sua antiguidade, serve como um poderoso paralelo, ilustrando como a coerência entre o que se prega e o que se vive permanece um desafio universal, tanto em contextos individuais quanto coletivos. Essa dicotomia foi claramente percebida pelos estudantes ao refletirem sobre suas próprias experiências e as práticas discursivas observadas nas redes sociais e nas relações interpessoais. Os resultados reforçam, assim, o papel insubstituível da educação na superação dessas contradições. O fortalecimento de práticas pedagógicas que fomentem a empatia, o respeito mútuo e o pensamento crítico mostrou-se fundamental para que os estudantes compreendam para além do poder intrínseco das palavras, mas também suas profundas implicações sociais e éticas.

Síntese dos Achados e Implicações

Em síntese, a análise dos dados consolidou a hipótese inicial de que o discurso, quando dissociado de uma prática ética e responsável, intensifica as divisões sociais. Contudo, quando mediado por uma postura crítica e reflexiva, ele se transforma em uma poderosa ferramenta para a construção de pontes e para a promoção de uma cultura de paz. Esses achados reforçam veementemente a importância estratégica da educação como um espaço privilegiado para a formação cidadã, capaz de estimular a coerência entre discurso e prática e de combater a intolerância em suas múltiplas manifestações. A pesquisa, portanto, destaca a urgência de investir em pedagogias que equipem os indivíduos com as ferramentas necessárias para um engajamento social mais consciente e construtivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise realizada, conclui-se que a sociedade contemporânea enfrenta complexos desafios relacionados à comunicação, informação e convivência. A polarização, a desinformação e os discursos de ódio, amplificados pelas redes sociais, corroem o tecido social e dificultam a construção de um diálogo construtivo.

As reflexões teóricas, embasadas em Leonardo Boff sobre o “lugar social” e na crítica de Voltaire à intolerância, convidam-nos a repensar nossas atitudes e a buscar uma comunicação mais ética e responsável. Os resultados da pesquisa, que incluíram a análise de casos de desinformação na internet, reforçam a importância do pensamento crítico e da responsabilidade individual no consumo e compartilhamento de informações.

A contradição entre discurso e prática, ilustrada pela figura de Marco Aurélio, evidencia a necessidade de coerência entre o que se diz e o que se faz. Nesse contexto, a educação, conforme destacado por Jacques Delors e Edgar Morin, assume um papel fundamental na promoção dessa coerência, incentivando o pensamento crítico, a empatia e o respeito mútuo.

Portanto, para superar os desafios da contemporaneidade, é essencial investir em uma educação transformadora. Uma educação que transcenda a mera transmissão de conteúdos, formando cidadãos críticos, conscientes e responsáveis. Essa abordagem pedagógica deve capacitar os indivíduos a promover o diálogo, a tolerância e a reflexão, construindo pontes em vez de muros, e transformando o espaço público em um ambiente de respeito e compreensão mútua.

Acreditamos que as reflexões apresentadas neste estudo contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, ética e consciente. Uma sociedade onde a comunicação se estabeleça como ferramenta de construção social e não de destruição, e onde o diálogo, a tolerância e o respeito mútuo sejam valores centrais e cotidianos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Maria Stephania da Costa Flores. Jandira, SP: Principis, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Edição comemorativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BOFF, Leonardo. **O despertar da água: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Edição especial. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cartez, 1998.

DOMINGOS, Roney. **É #FAKE que o governo brasileiro comprou o Globo de Ouro para Fernanda Torres**. G1, 28 de janeiro de 2025. <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2025/01/28/e-fake-que-o-governo-comprou-o-globo-de-ouro-para-fernanda-torres.ghtml>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2025.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Tradução de Laura Gillon. Jandira, SP: Principis, 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. **Tratado sobre a intolerância**. Tradução de Antônio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala Educacional, 2006. (Série Filosofar).